NEGRAS CABEÇAS

ÍLDIMA LIMA

NEGRAS CABEÇAS 5

ÍLDIMA LIMA

29 JUN - 29 DEZ

WWW.NEGRASCABECAS.ART

ARTE, HERANÇA E LINGUAGEM

Íldima Lima

A ideia de representar mulheres negras pertencentes a grupos de diferentes etnias do continente africano surgiu após a pintura que fiz inspirada numa fotografia de uma Mulher Betsimisaraka. O contato com a história e os elementos contidos naquelas imagens despertou o desejo de elaborar uma pesquisa visual sobre essa estética dentro de uma perspectiva linguística, ou seja, a escrita manual que se revela imagética ao ser ancorada nas cabeças tendo como artifício cabelos e adornos.

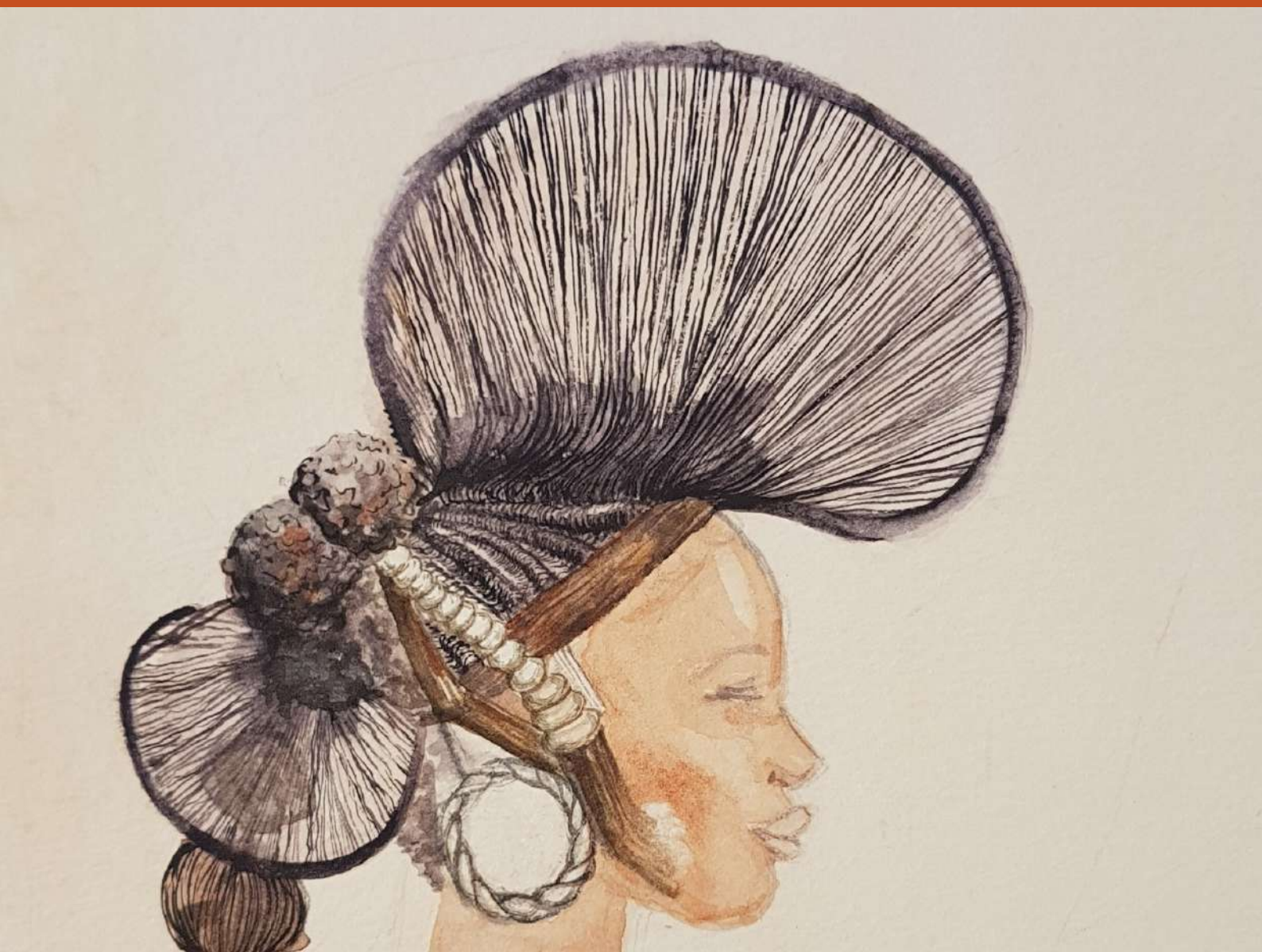
A formatação desses códigos que se expressam de forma cultural de acordo com os signos utilizados, trouxe uma compreensão da tecnologia aplicada para a perpetuação dessa linguagem dentro de um âmbito cultural. Digo tecnologia com a certeza de que independente das condições de acesso ao que temos como referência do termo, os penteados se apresentam como solução prática a fim de comunicar status e situações de interesse daqueles grupos, tendo se constituído com traços culturais definidores ao longo do tempo.

Outro aspecto é o interesse dessas etnias em estruturar simbolicamente conteúdos pertinentes ao intangível, como a subjetividade e a relação com o divino. Não à toa a cabeça é usada como suporte dessa conexão. A materialidade resultante concentra uma intersecção entre comunicação e arte (duas das minhas principais paixões) , que podem ser lidos em duas instâncias: pela forma, expressão estética, e pelo conteúdo, expressão linguística. Há um princípio nesses grupos em se fazer entender pelo que se vê e como se vê.

A partir da decisão de representar essas etnias veio o desafio de selecionar quais seriam contempladas neste projeto. A ideia então foi dividi-lo em duas etapas, sendo a primeira dedicada a exaltar as etnias Betsimisaraka (Madagascar); Mangbetu (República Democrática do Congo); Suri (Etiópia); Mursi (Etiópia); Mwila (Angola); Mbalantu (Namíbia); Himba (Namíbia) e Fulani (Nigéria).

O tempo curto para pesquisa, pintura e produção da exposição foram desafiadores e por vezes exaustivo, principalmente por conta do atípico cenário de pandemia e demais questões que o mundo atravessa. No entanto, a imersão e o resgate da ancestralidade foi potente e muito impactante neste processo, tendo sido o próprio combustível para a execução do projeto.

Desejo que o meu trabalho seja uma centelha para provocar nas pessoas o interesse em acessar essa ancestralidade e se encantar como eu me encantei.



O RESGATE DA ARTE E DA CULTURA AFRICANAS COMO PROJETO DE HUMANIZAÇÃO DO POVO NEGRO EM DIÁSPORA

Carolina Pinho

O que difere o ser humano de qualquer outra espécie do reino animal é sua capacidade de se relacionar com outros seres vivos e com a natureza que o cerca a partir de suas necessidades, adaptando seu meio e garantindo a sobrevivência a partir de uma ação organizada mentalmente e executada através de instrumentos criados pela sua espécie. Além disso, o ser humano criou algo muito original que permitiu sua continuidade: a capacidade de repassar às gerações futuras suas formas de produção e reprodução da existência, criando a cultura. Isso quer dizer que durante a história, o ser humano foi capaz de perpetuar sua existência através do que chamamos hoje educação, repassando os métodos que permitiram que o ser humano se desenvolvesse e chegasse até o atual estágio da humanidade. Através dos anos, a humanidade repassou aos descendentes instrumentos, formas de convívio, ciência, arte, tecnologia, enfim, meios materiais e imateriais produzidos através da atividade que permite o ser humano se diferenciar de outras espécies. Mas, a produção da vida humana e sua transmissão de geração em geração não foi de forma harmônica.

No momento em que os seres humanos lançam mão da apropriação privada do que sempre foi produzido coletivamente, passa-se a hierarquizar o que é importante e digno de ser repassado de geração em geração a partir do poder econômico. Quem acumula mais dinheiro adquire o poder de dizer o que é ou não importante do ponto de vista cultural e intelectual para a humanidade. A civilização europeia passa a determinar o que é humanidade e o que é cultura.

Através da força e poder, a civilização europeia destrói e se apropria da criação de centenas de outros povos subjugando-os com a justificativa de que existe apenas uma forma de civilização: aquela cultivada e propagada, através da força, pelo povo europeu.

Desde então, já são séculos de violência não apenas material, mas também simbólica. Além da escravização de povos africanos por mais de 3 séculos, há na história dos povos europeus um rastro de extermínio de povos indígenas na América - tais como Guarani e os Kaingang, de sociedades pré-colombianas como incas, astecas, assim como a destruição de civilizações na Cidade de Benin e Timbuktu, ambas na África. Ainda hoje, é possível encontrar europeus que consideram que todos esses povos são selvagens e pouco inteligentes, portanto, sua cultura só pode ser preservada sob domínio de civilizações europeias. Assim, para conhecer o patrimônio cultural africano basta fazer uma viagem à Europa, onde milhares de objetos saqueados estão em museus públicos e coleções privadas (Inglaterra, França, Alemanha, Bélgica, etc.). Considerando os fatos acima, podemos dizer que paira sobre a Europa a responsabilidade pela destituição da humanidade de povos por todo o globo. Ou seja, se compreendermos que a cultura de um povo e sua perpetuação através do ensinamento a seus descendentes - e também descendentes outros povos da espécie humana - é que garantem a humanidade de determinado povo, a destruição e apropriação da cultura de povos subjugados na história é, ao fim e ao cabo, a degradação de sua humanidade. Não é possível pensar na recomposição da humanidade destituída do povo negro que foi sequestrado e

escravizado sem resgatar e preservar seus valores culturais. Mais do que isso, é necessário reconfigurar o valor histórico das culturas que foram destruídas e desvalorizadas e recolocá-las no lugar que devem estar: como patrimônio da espécie humana carregado de valor simbólico tanto quanto outras culturas que fazem parte da riquíssima potencialidade humana. Resgatar e valorizar culturas africanas é admitir a humanidade de quem a produz e reproduz.

É a partir dessa compreensão que situo o projeto Negras Cabeças. Parto da necessidade de reconstruir a humanidade das pessoas negras. Para tal, é fundamental trazer à tona nossas formas de vida e de linguagem para além da referência europeia, heterosexual, branca, cisnormativa. As pessoas negras espalhadas pelo mundo, a maioria delas em condições de humanidade degradante, têm uma história a ser contada para além da destruição promovida pela escravização e pela violência da colonização.

A contribuição do Negras Cabeças para a reconstrução da humanidade de povos negros acontece não apenas por resgatar e propagar culturas africanas, mas também por fazer isso através da expressão de uma linguagem em primeira pessoa. Ildima Lima, como mulher negra e nordestina, expõe em sua arte uma narrativa estética que ela nunca pode admirar no espelho, negada através das diversas relações de opressão racista a que ela e suas irmãs negras estão submetidas. Nós, mulheres negras que nunca pudemos nos ver nas mais diversas formas de arte ou na universidade mas que produzimos um conhecimento com características revolucionárias não só sobre si mas sobre o mundo, como aponta Patricia Hill Collins ao analisar o Pensamento Feminista Negro. A arte de Íldima Lima faz parte desse movimento cada vez mais consistente das mulheres negras pelo direito à vida.

Além disso, destaco a inserção de Negras Cabeças pela capacidade de dialogar e apontar para o futuro. O formato de exposição de Negras Cabeças, através da gamificação, aliado ao seu propósito, dialoga com um movimento que está em ascensão entre a população negra em diáspora: o afrofuturismo. O Afrofuturismo é um movimento cultural, social e político, que vem articulando ficção científica, tecnologia, realismo fantástico, ancestralidade, mitologia e diáspora africana negra mostrando a capacidade do povo negro em pensar o futuro sempre olhando para os ensinamentos de seus antepassados.

Por fim, o Negras Cabeças ainda resgata uma valiosa tradição de povos africanos: a valorização da cabeça como centro de nossa espiritualidade e relação com o universo. Que o Negras Cabeças seja mais uma forma de resgate e valorização do povo negro em rumo de um futuro próspero e digno para a humanidade.

Orí mi o ṣe rere fún mi
(Minha cabeça faça coisas boas para mim)

Carolina Pinho é doutora em educação (UNICAMP/T.U. Braunschweig), docente, palestrante e pesquisadora na área de educação e filosofia, com ênfase em formação de professores, feminismos negros e decoloniais e relações raciais. No momento é professora na Universidade Estadual de Feira de Santana, Coordenadora de projetos no Fundo Agbara e e Fundadora da Oja Epistemologias Negras.

DAS VISUALIDADES ÀS ESTRATÉGIAS DE RE-EXISTÊNCIA: O TRABALHO ESTÉTICO DE ÍLDIMA LIMA

Mirella Maria

Uma visualidade comprometida com a diversidade tem a potência de contribuir para uma ampliação de nossos olhares nos caminhos de nosso cotidiano. Poder visualizar esteticamente a si e ao outro com empatia nos faz transgredir limitações ou preconcepções e se permitir um aprendizado contínuo.

Nesse sentido, a produção de Íldima Lima nos atravessa ao apresentar militâncias em poéticas visuais, que contemplam saberes, que são conectados aos processos da diáspora africana. Íldima nos apresenta um fio ancestral pelas raízes capilares que são constituídas em diversos povos do continente Africano. Os mesmos cabelos, cuidados e sensibilidade podem ser vistos ou ser referenciados no quotidiano brasileiro no como se cuida dos cabelos de homens e mulheres negros. Cada imagem pintada traz de maneira sensível, critica e profunda as características especificas de mulheres de etnias diversas do continente africano, com um caminhar a enobrecer mulheres negras e seus saberes ancestrais.

A delicadeza aliada a uma perspicácia estética da artista realça brilhantemente as histórias e memórias de lugares e comunidades presentes no continente africano, buscando sempre aprofundar nossos conhecimentos sobre esse amplo continente e criticando pela visualidade estereótipos veiculados a respeito desse espaço que é tão próximo ao Brasil. Pelo trabalho de Íldima Lima é possível navegar na materialização de penteados querefletem saberes, estratégias, estéticas, corporeidades amplas e potencializadoras.

Mirella Maria é bacharel e licenciada em Artes Visuais pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Mestra no programa de Artes Visuais/Arte Educação pela mesma instituição. Criadora do projeto artístico Quilombo Mulheres Negras, com seminários, exposições e vivências artísticas produzidas por mulheres negras. No campo da sua produção|vivência permeia-se a fotografia, colagens e arte textil, trazendo ressignificações simbólicas no campo da plásticidade, da memória e existência.

PINTURAS

Mulher Betsimisaraka

Aquarela e acrílica sobre papel
29 x 42 cm
2020

Mangbetu

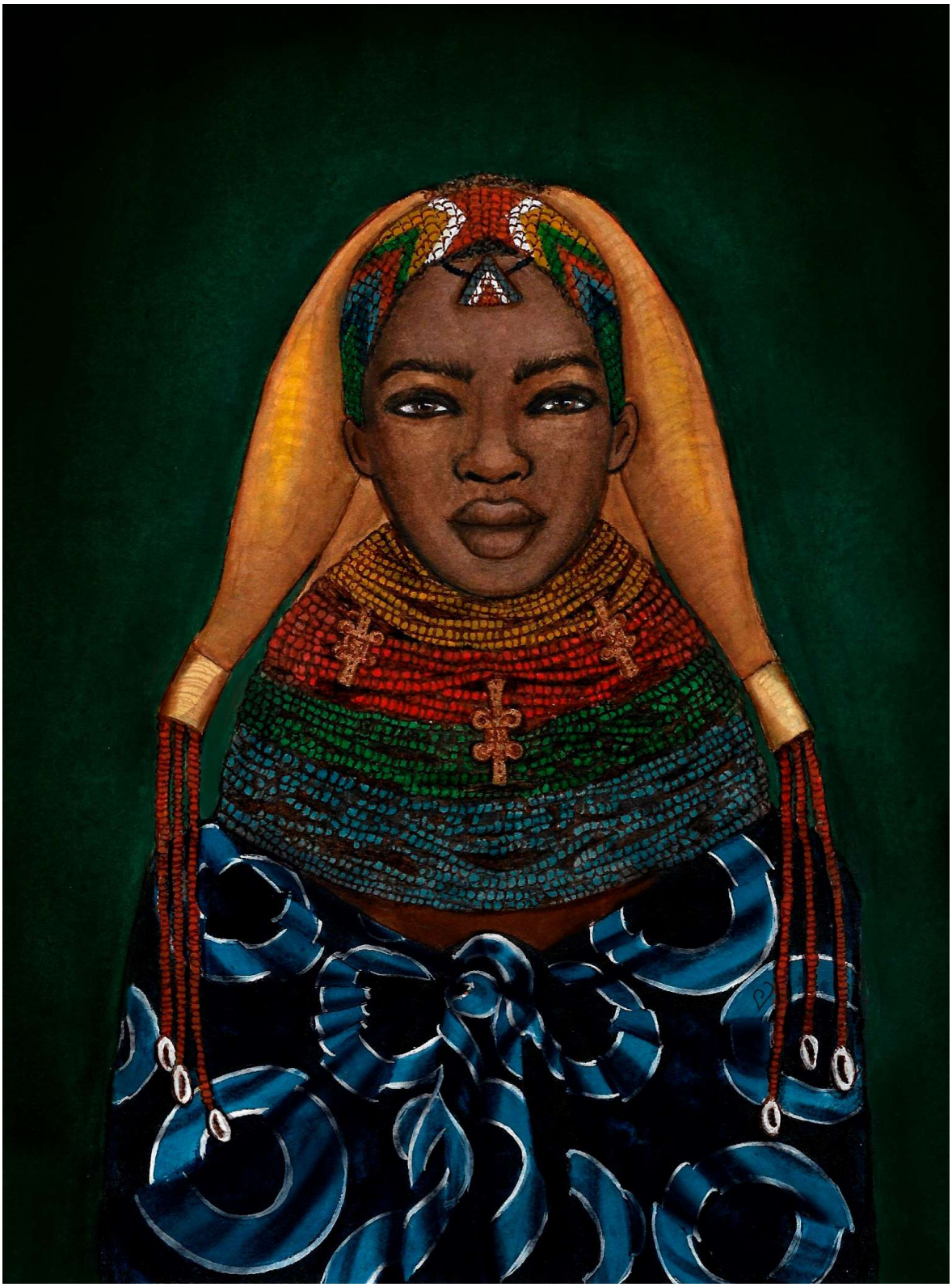
Aquarela e acrília sobre papel
41,1 x 30 cm
2021

Suri

Aquarela sobre papel
20 x 26 cm
2021

Mursi

Aquarela sobre papel
29 x 36,3 cm
2021



Mwila

Técnica mista sobre papel
15 x 17,5 cm
2021

Mbalantu

Aquarela e acrílica sobre papel
29,2 x 30,1 cm
2021

Himba

Aquarela sobre papel
29,2 x 38,5 cm
2021

Fulani

Aquarela sobre papel
40,4 x 36,4 cm
2021

SOBRE A ARTISTA

Íldima Lima, 39 anos, é brasileira, soteropolitana, residente em Recife desde 2013. Graduada em Relações Públicas pela Universidade do Estado da Bahia (2004) trabalhou por 12 anos com implementação de projetos de Comunicação e Responsabilidade Social, passando a priorizar atividades artísticas em 2015, após obter o título de Especialista em Estudos Cinematográficos pela Universidade Católica de Pernambuco. Em 2017 criou a illi arte afetiva, marca autoral que tem como propósito promover o protagonismo da mulher negra nas artes visuais. Pintura em técnicas variadas, com destaque para aquarela, em superficies diversas como tela, cerâmica, estamparia e porcelana são formas de expressão utilizadas pela artista para escrever novas narrativas de representação e representatividade dos corpos negros nas artes visuais.

Recentemente iniciou projeto de pesquisa plástica voltada à representação de mulheres negras nas artes, com ênfase na apropriação, deslocamento e ressignificação de seus corpos. Em paralelo, dedica-se ao estudo das Transmídias aplicadas às artes plásticas.

FICHA TÉCNICA

Direção Geral- | Íldima Lima - illi

Curadoria | Íldima Lima - illi

Produção executiva | André Lira - Cult!ve Soluções

Arte 3D Game | Ops Games

Programação Game | Ops Games

Direção de Arte Game | Íldima Lima - illi

Trilha Sonora | Filipe Castro

Assessoria de Imprensa | Griot Assessoria

Diagramação e Arte Final | Íldima Lima

Desenvolvimento Site | Lira Design

Texto Catálogo | Carolina Pinho Mirella Maria

NEGRAS CABEÇAS 5

ÍLDIMA LIMA

29 JUN - 29 DEZ

WWW.NEGRASCABECAS.ART

LEI ALDIR BLANC
FUNDARPE
Secretaria de Cultura
GOVERNO DO ESTADO PERNAMBUCO MAIS TRABALHO, MAIS FUTURO.
SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO
PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

illi

LEI ALDIR BLANC
FUNDARPE
Secretaria de Cultura
GOVERNO DO ESTADO PERNAMBUCO
SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO
PÁTRIA AMADA BRASIL